
PEDRO DE ANDRADE

Faculdade de Economia
da Universidade de Coimbra
e Centro de Estudos Sociais

A Taberna Mediática, Local Reticular de Negociações Sociais e Sociológicas

265

A construção do objecto teórico "taberna" não deverá enquadrar-se nas teorias sociológicas que se revelem reductoras ou polarizadas nos seus pressupostos e princípios — a que chamaremos dicotómicas — mas em teorias mediadoras, ou seja, as que melhor realizarem as negociações necessárias à efectivação de um pacto ou contrato sócio-científico entre as teorias existentes, e entre estas e a

comunidade científica que as produz/reproduz. No nosso caso, e a nível conceptual, procuraremos articular dois conceitos mediadores fundamentais, o quotidiano e o habitus, associados entre si e com outros termos teóricos, intermediários ou não, em vista à produção de novas categorias, como o habitus quotidiano e o habitus de viagem, que se agregarão em redes conceptuais intercomunicadoras.

O espaço social "taberna" e a prática de "beber" incluem-se numa vasta problemática, que relaciona e incorpora, antes de tudo, algumas oposições conceptuais básicas: *produção/reprodução social, espaço e sociedade urbanos e rurais, classes dominantes/classes populares, poder/contrapoderes, poder/opinião, cultura erudita/cultura popular, etc..* Embora delineando um ponto de arranque aceitável, estas dicotomias não se poderão legitimar cientificamente sem algumas precisões e decisões anteriores, que desenvolveremos em seguida.

Porquê e como se seleccionam determinadas correntes de reflexão ou conceitos, e não outros, para cada tipo de objecto teórico em construção? Esta questão, clássica no espaço de visibilidade da epistemologia de Bachelard, mas ainda insuficientemente esclarecida, apresenta-se, por outro lado, extremamente ampla. Na verdade, transborda não apenas do âmbito daquela postura especulativa sobre o conhecimento científico, mas ainda de qualquer prisma metodológico isolado, não dispensando as contribuições da Sociologia da Ciência, em espe-

1. O estatuto epistemológico-teórico da problemática e das teorias de referência do objecto de estudo: dicotomias ou mediações teórico-conceptuais?

1.1. A oportunidade das teorias de referimento

cial as mais recentes. Contudo, não será este o melhor lugar para uma discussão fundamentada das suas múltiplas implicações, epistemológicas, teóricas e processuais, nem das mais interessantes. A ela procuraremos responder, agora, somente de um modo pragmático, no quadro das preocupações da nossa pesquisa específica, não deixando, no entanto, de tentar lançar algumas pistas para a sua futura compreensão.

Procurando evitar, sobretudo, o ecletismo teórico, não nos restringiremos, todavia, a uma grelha demasiado limitada de modelos de interpretação. Com efeito, um perigo visível em muitas inquirições ou noutras práticas das comunidades científicas, além da inadequada *dicotomização dos conceitos* que caracteriza a modernidade e que referiremos abaixo, é aquilo que designaremos por *dicotomização das teorias*.

Ou seja, sob certas *condições epistemológicas, teóricas, sociais e políticas*, que circunscrevem um campo científico relativamente pouco propício à atitude crítica, *as teorias representativas das estratégias e táticas mais opostas no interior desse campo, cristalizam-se em dois extremos irredutíveis, que se excluem reciprocamente, procurando essas teorias polares a dominação absoluta das suas concorrentes, em vez de reconhecerem as suas potencialidades diferenciais, no sentido da respectiva superação numa síntese mediadora, de equilíbrio instável, ponto de partida para novas rupturas*. Neste movimento repulsivo, as teorias dicotómicas arrastam, de uma forma mais ou menos intensa, as demais teorias, nomeadamente as regionais. Em primeiro lugar, de um ponto de vista epistemológico, a dicotomização das teorias revela, da mesma maneira que a dicotomização dos conceitos, uma atitude ainda muito subsidiária da modernidade científica, à qual subjaz a racionalidade cartesiana, analítica e polarizadora. Trata-se de um estado limite da praxis científica, que se desenrola nomeadamente no seio do paradigma dominante da Ciência Moderna e que surge, contraditoriamente, não só como um dos indicadores de uma possível crise paradigmática antecedendo a transformação e ultrapassagem deste modelo pelo novo paradigma da Ciência pós-moderna (Santos, 1987:37-58 ; 1989:137-185) como, por vezes, enquanto sintoma de um desvirtuamento provável das promessas inovadoras que deveriam decorrer dessa mesma crise. Seguidamente, na esfera teórica, a polarização das teorias corresponde a uma situação não raras vezes derivada da adesão de uma parte significativa da comunidade científica, sem suficientes reservas, a escolas de pensamento hegemónicas no seu seio, e com frequência anuncia um maniqueísmo teórico-

-ideológico latente, baseado, ao nível conceptual, na preponderância de um ou mais conceitos polares-chave, em detrimento dos seus opostos. Em terceiro lugar, a nível mais social, insere-se, por exemplo quanto à dimensão da hierarquia profissional dos investigadores, numa conjuntura favorável ao clientelismo científico, manifesto ou submarino. Finalmente, sob a óptica política, deparamo-nos com um posicionamento que subscreve correntemente a manipulação, mais ou menos perversa, das consciências dos especialistas ou dos assalariados do mercado da Ciência. Por vezes, reveste-se de um verniz igualitário, como no caso dos expedientes de desqualificação ou afastamento das marginalidades teóricas que, segundo a visão dominante em determinadas comunidades de pesquisa, profanam e fazem perigar aquilo que se encontra legitimado como “democracia científica”.

Como transpor, então, estas dificuldades, no sentido de se chegar a uma Ciência crítica, mas não violadora, autónoma mas não individualista, colectiva mas não niveladora? Nas reflexões a seguir reportadas, apenas teremos tempo de abordar esta questão sob os prismas epistemológico e teórico, embora os restantes que mencionámos — o social e o político — se encontrem sempre implícitos. Nesta perspectiva, é desejável privilegiar uma “fuga para a frente”, ou seja, efectuar o que nomearemos *sobredicotomização das teorias*, por meio de *múltiplas mediações, confrontando, de um modo articulado e simultâneo, por um lado as várias teorias prevaletentes dentro do paradigma vigente entre si, por outro o “núcleo duro” desse paradigma com a coerência das teorias alternativas, e ainda o conhecimento científico com os vários micro-saberes de senso comum. Chamaremos teorias mediadoras ao instrumento ou ao resultado destas diferentes intermediações* (1).

(1) A *mediação* é um conceito complexo, precisamente porque tenta dar conta de fenómenos sociais intermediários, frequentemente ambíguos e polissémicos. Não desenvolveremos aqui a *discussão filosófica* sobre essa ideia, nomeadamente a questão do “conhecimento imediato/mediado”, do âmbito da teoria do conhecimento ou o problema da “inferência imediata”, da lógica. Sabemos que Hegel concebe os extremos como reconciliadores de si próprios, ou seja, funcionando ora como opostos ora como mediadores, e intercambiáveis neste papel. A própria negação revela-se uma forma de mediação, por constituir um momento de transição e de transacção, pelo qual o imediato — a positividade exacerbada de Feuerbach — se transforma em mediado. Sartre e os defensores da Teoria Crítica acentuam esta posição intermediária da negatividade. Quanto a nós, interessamo-nos, fundamentalmente, considerar as *mediações sociais* em articulação com as *mediações conceptuais*, isto é, as *manifestações sociais da mediação e as respectivas teorias sociológicas*, derivadas, directa ou indirectamente, da problemática fundadora construída pela tradição filosófica. Desde logo, a “prática” foi percebida como uma das formulações mais constantes da mediação, entre a consciência e o seu objecto. Marx refere-se não só ao trabalho social enquanto intercalar entre a natureza e o homem, que se assume como um ser natural automeiado, mas ainda às mediações de segunda ordem, como o dinheiro, a

1.2. A validade do conteúdo dos conceitos e das relações estruturantes das teorias

268

No que respeita ao *conteúdo substantivo dos conceitos* inerentes às oposições conceptuais que propusemos acima, trataremos apenas, no curto espaço do presente artigo, da sua confluência com algumas das teorias que têm como propósito reconstruir, em objectos de reflexão sociológica, o *quotidiano* (Pais, 1986; Atkinson, 1990; Cohen, 1985; Crespi, 1983, Giddens, 1976; Luckmann, 1978; Mackie, 1985; Rubington e Weinberg, 1965) — por vezes de uma forma mediadora — e a *conexão mediática entre os níveis macro e micro-sociológico* (Knorr-Cetina e Cicourel, 1981). De facto, a taberna não se compreende sem se considerar a sua dimensão do dia-a-dia, que apresenta, simultaneamente, características de *no man's land* e de território social pleno entre as macro-estruturas e as micropráticas, de fronteira ou de espaço de dupla nacionalidade. Por isso mesmo, o quotidiano será aqui retido com uma das principais esferas sociais e conceptuais intermediárias.

Outra precisão fundadora, não menos importante, já que complementa a que acabámos de mencionar, remete-nos para o nível mais específico da *estrutura dos pares relacionados de conceitos* apresentados atrás. Se, por um lado, essas dicotomias díspares são reveladoras da riqueza plural do tema em análise, por outro, têm sido frequentemente utilizadas, como já sublinhámos, de um modo demasiadamente polarizado. Alertando contra os desequilíbrios decorrentes desta tendência, Boaventura da Sousa Santos demonstrou que, nos contextos das sociedades actuais e, em particular, do Estado e do direito, ainda muito herdeiros do projecto da modernidade, tem-se continuado a privilegiar, oscilatoriamente, um dos extremos das diversas dicotomias sociais actantes (natureza/sociedade, Estado/sociedade civil, justiça formal/justiça comunitária). Paralelamente, a aproximação entre eles e a conseqüente duplicação, em cada um dos pólos, do seu oposto, tornaram difícil, por vezes, distinguir com clareza os dois termos em conflito. As dicotomias teriam entrado, então, num colapso relativo, em vez de se operar um reconhecimento da importância de cada pólo, no sentido da construção de verdadeiras mediações (1990:13-31).

Se assim é, também nesta vertente procuraremos encontrar as interfaces sócio-teóricas possíveis. Com efeito, preferimos falar, paralelamente, de *novos paradigmas conceptuais* que — para além de retomarem as dicotomias originárias das teorias dominantes ou das teorias alternativas, ou ainda do saber ordinário, e em conjugação com elas — as complementam e

troca, a propriedade privada, na medida em que se substituem à actividade produtiva, já de si igualmente intermediária. Ou o valor de troca, que mediatiza o valor de uso.

transformam, trabalhando, frequentemente, como construções teóricas intercalares. Isto é, enquanto um *conceito mediador* estabelece uma negociação entre dois ou mais conceitos polares, a *relação mediadora* conecta, por sua vez e principalmente, vários conceitos intermediários. Por último, as *redes conceptuais mediadoras* reunirão os diversos conjuntos de conceitos e de relações intermediárias.

Dito de outro modo, aquelas polarizações duais relativizam-se sem se enfraquecerem. Ao contrário, enriquecem-se com novas articulações, de vários tipos. Por vezes, são ainda *relações pendulares*, na medida em que oscilam, sob o efeito de dadas estruturas, conjunturas e práticas sociais, em direcção a um ou outro pólo, do qual exibem as características que predominam na relação, tomando por vezes o sentido hegeliano de reconciliação dialéctica dos extremos. Outras vezes, apresentam-se como *relações dialécticas* plenas, na óptica de Marx, ou seja, contrários conflituosos que se resolvem numa terceira entidade, sintética, que se insinua como negociadora, mas afirmando-se igualmente como base de novas tensões. Ou ainda, em certos casos, organizam-se em termos de *oposições multipolares*, com dicotomias não só duais mas já omnidireccionais, que interagem de modo complexo. Recorde-se que cada uma destas figuras conceptuais intermediárias representa ou é instrumento de decisão de uma dada situação teórico-prática de contrato sócio-científico. Daí que, da mesma forma que para o conteúdo dos conceitos, uma das mais importantes opções a fazer no âmbito da nossa reflexão, a este plano das dicotomias e redes conceptuais, será a associação entre as oposições das categorias que referimos de início e as suas mediações (isto é, o conceito diplomata *quotidiano*, ou o *habitus*, embora reformulados, como se constatará adiante) ou ainda outras, a exemplificar em próximas ocasiões. Todos estes acordos e alianças estruturantes da nossa estratégia de investigação constituem os suportes que irão legitimar a construção — e a validade, pela verificação empírica — de uma *teoria das redes de relações mediadoras*.

Resumindo agora, numa só, as facetas em que desdobrámos o problema da escolha dos modelos reflexivos a aplicar, poderemos, com segurança, colocar a seguinte interrogação: *qual o tipo de teoria que melhor traduz esta situação social complexa da pós-modernidade, ou que pelo menos contribui, determinante-mente, para a sua compreensão?* Tentarei clarificar esta questão, defendendo a seguinte *hipótese geral*, que orientará toda a próxima discussão: *a conjuntura sócio-histórica em que*

vivemos, na qual se manifesta alguma novidade pós-moderna, que se deve, entre outras razões, ao aumento relativo de importância das esferas, instituições e discursos sociais intermediários, apreende-se, cientificamente, em grande parte, por teorias mediadoras, estruturadas em redes de conceitos e de relações mediadores ⁽²⁾.

270

2. Problemas teóricos na definição do objecto de estudo
2.1. O habitus e o quotidiano, conceitos mediadores

O habitus, da maneira como Bourdieu o apresenta (1979:191) e o quotidiano, como sublinhámos, revelam-se duas das poucas conceptualizações medianeiras de grande parte dos conceitos sociológicos, sejam eles polares ou intermediários. Portanto, e reparando que tanto um como o outro se encontram também na intersecção entre os dois níveis macro e micro-sociológicos da realidade e do conhecimento, começaremos por refazer a hipótese teórica geral previamente sugerida: *o fenómeno da tasca situa-se não só nos espaços conceptuais polarizados, em que um nível estrutural se opõe a um nível situacional, determinando-se reciprocamente, mas também num nível intermediário, no qual se articulam conceitos mediadores, nomeadamente o quotidiano e o habitus, por meio de redes de relações medianeiras.*

Contudo, o conceito de habitus não se mostra pacífico. A este nível, Bourdieu tem sido sobretudo criticado por uma certa rigidez e pelo facto de o habitus se insinuar, de algum modo, como um veículo do determinismo das macro-estruturas (Monteiro, 1991). Por outro lado, retomando uma das figuras da produção discursiva fundada nas acções quotidianas, a *metis*

⁽²⁾ O papel de mediação pode ser preenchido por diversas expressões do social, segundo a dimensão (económica, social, política, ideológica, etc.) mais prevalente e o nível (macro ou micro-sociológico) retido como determinante numa dada conjuntura, em conformidade com o momento ou o lugar, os interesses de poder em jogo, etc. Ou seja, essas protagonizações moderadoras pendulares, dialécticas ou multipolares cabem, de uma forma alternada ou em coincidência, à semiperiferia, a certas instituições — como o Estado (principalmente o Estado-Providência), os partidos, os sindicatos, as eleições, a opinião pública, os *mass media* ou o árbitro de futebol —, à sociedade civil secundária, aos habitus de classe, de grupo ou individuais, aos “pilares de regulação social”, aos “contextos estruturais das práticas sociais” (Santos, 1989:173-180), ao espaço geográfico e territorial (Gama, 1987), ao quotidiano ou, finalmente, à sociedade-providência, à comunidade-providência, aos processos locais de produção/reprodução social. Dentro destes últimos, salientem-se os espaços e redes de sociabilidade que estruturam a produção, no quadro da iniciativa produtiva ou da localização das indústrias (Reis, 1990); as autoproduções, os autoconsumos e as normas da cultura fundiária rural que asseguram a reprodução social da força de trabalho nas famílias agrícolas a partir de diversas figuras de propriedade (Hespanha, 1987); as culturas políticas locais redefinidoras do jogo de poder entre o centro e as periferias políticas (Ruivo, 1990); ou ainda outras redes de entrelaçada, sistemas de intercomunicação e configurações de subjectividades que favorecem recomposições locais, ao nível da saúde, da juridicidade, da cultura e da arte, etc. A taberna refere-se, directa ou indirectamente, a muitos destes aspectos — para além do que denominaremos *opinião pública local* — enquanto manifestações de mediação entre as macrodeterminantes e as práticas presentes na tasca.

grega, a partir de M. D tienne e J. P. Vernant (1974) e Michel de Certeau (1979), tentamos já demonstrar que "... na taberna o beber e as outras práticas tabernais (compreendidas na sua vertente de tácticas de consumo/produção) empreenderam certamente uma produção construída por meio de manhas, dispersa, escondida, sem produtos, sem território, movendo-se por entre as malhas das tecnologias sociais instituídas (...). Mas, simultaneamente, a tasca fez outra coisa. Com efeito, constitui um dos espaços sociais mais ambíguos, a meio caminho entre os aparelhos de poder e os itinerários sobre-itinerantes (os que se movem no território dos outros) ..." (Andrade, 1985, I: 309). É a partir desta natureza mediadora da própria instituição tabernal que tentaremos reactualizar o conceito de habitus — no sentido de uma maior autonomia dos agentes sociais envolvidos — e, paralelamente, o de quotidiano, como anunciamos atrás.

2.2. A taberna e os seus quotidianos comum e excepcional

Apoiando-nos na nossa hipótese teórica geral, proporemos seis outras questões e hipóteses teóricas mais particulares. Subjazendo ao quotidiano, antes de tudo, a dimensão "tempo", iniciaremos o estudo deste conceito privilegiando as suas temporalidades, embora elas nunca possam explicar-se sem as espacialidades que as fundamentam. Uma das manifestaes temporais do quotidiano é o dia-a-dia mais comum e evidente. Mas o quotidiano não se esgota na repetição dos ritmos sociais. Por vezes, enriquece-se com a irrupção perdica ou irregular dos fenmenos sociais que promovem a *excepção*  quotidiana basilar, a mais necessária. Se o primeiro dia-a-dia é estrutural, o segundo possui uma espessura conjuntural. Assim, uma *primeira questão teórica* será a seguinte: *qual a relação entre, por um lado, o quotidiano percebido predominantemente de um modo temporal e, por outro, os agentes e respectivas práticas que evoluem nele?* A hipótese correspondente enuncia-se desta forma: *na taberna, circulam agentes mediadores locais que organizam a vida material e simbólica dos habitantes de uma rua, de um bairro, de uma aldeia ou de uma cidade, por meio de práticas de mediação próprias, no âmbito do seu dia-a-dia de base ou no quadro da excepção ao seu quotidiano mais estável.*

Na quotidianeidade comum, o *taberneiro* assume-se como o principal agente mediador local, devido ao facto de se tratar do promotor da importante instituição e lugar de intermediação que é a tasca, e da sua prática fundadora, o beber tabernal (Andrade, 1979; 1985, I: 196-216; Brito *et al.*: 212). Neste

contexto da baiúca, o beber define-se, assim, como uma primeira prática intercalar, desde logo no fundo sócio-económico global, articulando os actores sociais (taberneiro e frequentadores) e as suas condições de existência, por meio de um *beber socialmente determinado*, localizado na zona de intermediação social por sua vez situada algures a meio caminho entre os níveis conceptuais macro e micro-sociológico. Num plano mais restrito, esta interpolação sócio-económica reúne, face-a-face, o taberneiro e os bebedores seus clientes, precisamente através dos actos concretos que circunscrevem o *beber interactivo*. Por outro lado, este beber face-a-face e os seus rituais (beber à saúde, rodadas, concursos de beber, etc.) intermedeiam igualmente os agentes tabernais entre si, ao nível micro-sociológico do grupo de bebedores. "...Uma síntese provisória opera-se de imediato, onde cada um é, simultaneamente, participante neste grupo temporário constituído por bebedores, e aquele por meio do qual todos os outros se constroem também como participantes de um grupo. Isto significa que *cada bebedor é mediador* (...) totalizante de todas as reciprocidades do grupo. Cada um é o conjunto grupal de bebedores, na medida em que este grupo se encontra em cada um dos seus membros. O *grupo de bebedores* apresenta-se, por seu lado, como o *intermediário de todas estas mediações* (...). Todos bebem mas não separadamente. O acto de beber *em grupo* é um acto de beber *de grupo*." (Andrade, 1985:195). Para além disso, o tasqueiro intervém, por vezes, na dinâmica da *reciprocidade* — prática intercomunicadora que postula e veicula uma relação de igualdade (relativa) de deveres e de direitos entre os agentes sociais nela participantes — por meio de dádivas de vinho ou petisco e trocas com os clientes, de um lado transacções comerciais (por exemplo, vinho por batatas, tecidos ou informações), de outro, simbólicas (intervenção nos rituais do beber entre os frequentadores, ou em alguns que utilizam certos objectos mediadores, como os cornos, a ferradura, etc.). Outras vezes, o taberneiro exerce a *redistribuição* — prática mediatizante baseada na relação desigual de cedência de bens e serviços por parte de agentes com mais recursos àqueles mais desfavorecidos — sob a forma do *fiado* concedido aos clientes da taberna, ou seja, uma tática local de resistência sócio-económica que se transformou, posteriormente, em sistema pré-capitalista de créditos.

Um outro exemplo de agente mediático tabernal neste 1.º grau de intermediação são os *Grupos Excursionistas, Almoçaristas ou Jantaristas*, de que falámos num nosso trabalho

(Andrade, 1980). Organizam-se em associações de entreajuda, cujo principal objectivo é a realização de viagens e almoços cerimoniais, periódicos e excepcionais. Trata-se de um exemplo de prática de mediação sócio-territorial, entre a cidade, onde reside a sede do grupo, quase sempre na taberna, e o campo, destino de grande parte das viagens e que muitas vezes constitui a origem geográfica e cultural de muitos dos seus membros. Os excursionistas auto-financiam-se por meio de uma caixa comum e o funcionamento dos grupos é assegurado por uma combinação orgânica entre duas das práticas de negociação referidas: a primeira, que se manifesta horizontalmente, é a reciprocidade entre os seus elementos. A segunda, vertical, consiste na redistribuição de bens e serviços aos habitantes mais necessitados do bairro. Estes géneros e prestações são conseguidos por meio de autoproduções várias (artesanato urbano, fabricação colectiva de toda a espécie de acessórios para as práticas do dia-a-dia ou festivas) e de outras iniciativas locais (lotarias populares, rifas, peditórios, etc.). Relacionadas com a "miséria quotidiana" e com o tempo da festa de que fala Lefebvre (1968:71, 73-77), estas práticas extraordinárias (excursões e "bodos"), mas, de certo modo, regularizadas ou reguladas e, em certos casos, com tendência à banalização (Javeau, 1983), introduzem a um *quotidiano de excepção*, em oposição ao *quotidiano rotineiro* das práticas repetitivas próprias do espaço social, mais confinado, da taberna. Neste sentido, delimitam ainda uma figura original de turismo popular. Uma das expressões simbólicas mais significativas dos Grupos Excursionistas, que se inserem na dinâmica da *iconografia do quotidiano* (Bellasi, 1983), são os quadros que representam os seus membros (Andrade, 1986).

É assim que notaremos uma primeira rede conceptual mediadora, no âmbito da nossa análise, neste nível prevalentemente temporal: o quotidiano trabalha como um conceito comunicante em 2.º grau, já que articula os agentes diplomatas a um 1.º nível (taberneiro e excursionista) com os outros agentes de taberna, mais polarizados. E fá-lo por meio de práticas intercaladoras, das quais o beber, a reciprocidade (trocas materiais e simbólicas, a excursão), a redistribuição (o fiado, o "bodo"), constituem exemplificações. Entretanto, o conceito negociador quotidiano pode *sobredicotomizar-se*, através de uma *mediação por ex. de 3.º grau*, nos conceitos "quotidiano rotineiro" e "quotidiano de excepção". Com efeito, estes últimos operam uma nova síntese, agora da dicotomia "regra/excepção", com a 2.ª interpolação, exercida pelo dia-a-dia (fig. 1).

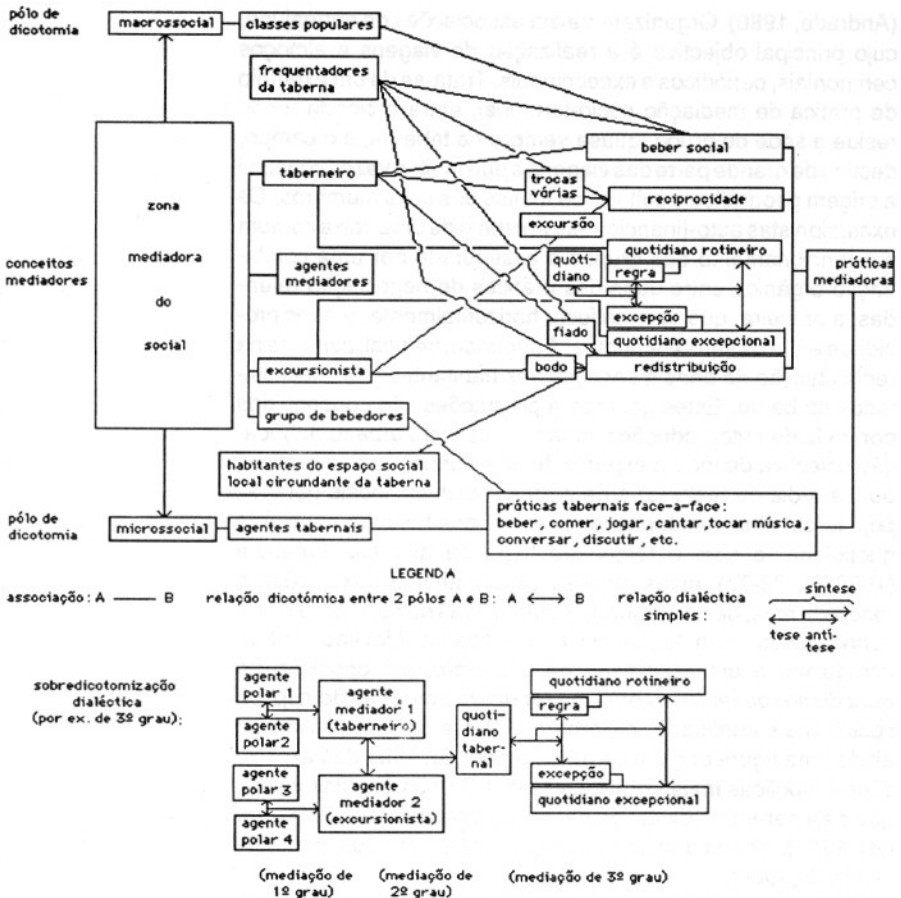


Figura 1 — Rede mediadora dos tipos de cotidiano (quotidiano rotineiro e cotidiano excepcional)

2.3. A pluralidade do dia-a-dia e do habitus e a sua horizontalidade/verticalidade

2.3.1. Cotidiano de reprodução material e cotidiano de reprodução simbólica

Aprofundando as considerações anteriores, é possível enveredar por uma linha problematizadora que tenta destrinçar, mais pormenorizadamente, as várias manifestações do cotidiano, tomando em seguida como predominantes as suas espacialidades. Ilustraremos a nossa exposição naturalmente com o cotidiano tabernal, por meio dos vários micro-lugares sociais que um tal lugar de sociabilidades define (taberna de produtor de vinho, tasca perto do local de produção, taberna de estação de transporte, tasca de bairro, baiúca de prostituição, etc.).

Socorrendo-nos, de momento, apenas de dois dos casos concretos extraídos da observação de campo, orientada, em grande parte, por direcções teóricas mediadoras, podemos

constatar facilmente que o dia-a-dia de uma tasca situada junto a um espaço produtivo, por exemplo uma fábrica, e frequentada pelos seus trabalhadores, se situa, estrutural e situacionalmente, longe dos tempos rápidos de uma taberna de prostituição. A razão provável deste facto poderá suscitar uma *segunda questão teórica* da nossa reflexão, no sentido de destacar tipos de quotidiano de um modo "horizontal". Ou seja, *quais os espaços tabernais que se distinguem entre si, segundo a morfologia das macro-estruturas e das práticas em presença no interior de cada um deles ?* A hipótese correlata, que responde a esta interrogação, é a seguinte: *as macrodeterminações que se exteriorizam, de uma forma protagonizante, em cada local diferenciado do quotidiano tabernal, não são as mesmas. Igualmente, não se mostram semelhantes as principais configurações das práticas possíveis de realizar aí pelos actores, a um nível micro-sociológico. Assim, a inter-relação entre os níveis macro e micro também se torna diversa, o que permite circunscrever vários tipos de dia-a-dia.*

Analisemos o quadro empírico proposto: na tasca perto da fábrica, uma primeira macrodeterminante, o *espaço produtivo fabril*, influirá certamente nesse quotidiano tabernal, e a dois níveis. Em primeiro lugar, encontra-se muitas vezes manifesto, na taberna, em termos de disposição mediadora relativamente estável e incorporada nos seus agentes, e como indicador para o sociólogo, um aspecto básico das relações sociais de produção, a *disponibilidade de venda da força de trabalho* por parte do trabalhador assalariado. Essa constante, realizada, ao nível micro-social, com frequência na própria fábrica, nos sindicatos, noutras organizações formais ou nos serviços estatais de emprego, prolonga-se, de uma maneira mais informal, no micro-espaço de reprodução social da baíuca. Concomitantemente, a dimensão reprodutiva da taberna revela-se ainda no facto de que se trata de um local em que, de modo tendencial, e por vezes com uma periodicidade quotidiana, o trabalhador *reconstitui a sua força de trabalho* (2.^a disposição intercalar), através do consumo (novamente ao nível microssocial) de vinho e do petisco, amiúde substitutos, para ele, da refeição propriamente dita, impossível de custear regularmente com o seu salário, pelo menos se efectuada fora de casa. Para além disso, as duas disposições mediadoras anteriores, preponderantes neste tipo de tasca e nesta expressão do quotidiano, exprime-se, na esfera do micro-social, ainda pela conversação ou pela discussão sobre o trabalho, a política ou acerca de outros assuntos e, embora em menor escala, por meio da refeição quente. Tudo isto delimita

uma *configuração* diferenciada e relativamente estável de *micro-práticas*. Ou seja, neste contexto, outras micro-acções tabernais quotidianas, como o jogo e a música, manifestam-se menos, pouco ou nada. Assim, ao *nível da zona interpolar do social*, as disposições caracterizadoras do quotidiano tabernal precedente constituem alguns dos mais importantes elementos que definem ou reforçam as disposições próprias ao habitus de classe dos trabalhadores portugueses.

Quanto à *tasca onde se pratica a prostituição* — o segundo espaço social do quotidiano no nosso exemplo — a meretriz executa, micro-socialmente, um serviço, o *aluguer* de um produto, o *seu corpo* hipersexualizado. Com isso, responde a uma carência de outra macro-estrutura condicionante, a *instituição familiar* — que propõe ou impõe apenas o modelo do sexo prolífico — sugerindo e legitimando, de algum modo, ou pelo menos caucionando, uma sexualidade gratuita de despesa. No entanto, esta transgressão ocorre de feição algo perversa, na medida em que reproduz socialmente a ordem da *sexualidade masculina* que não só a família triangular mas ainda a tasca subscreve, neste caso por meio da dependência quase total à economia e à cultura paralelas do proxeneta. A cultura e o poder masculinos (Cocks, 1989), tão visíveis na taberna, casa de homens por excelência, introduzem a uma figura de privacidade específica — no nosso caso, a da família alternativa da taberna. Por sua vez, os frequentadores exercem a sua réplica de uma forma, se não mais dinâmica, pelo menos mais autónoma e desviante — embora também nunca completamente — do que no tipo de tasca junto à fábrica. De facto, as práticas microscópicas determinantes são agora, além do beber, o uso profanatório da linguagem (calão, discussões insistindo na vertente lúdica ou sobre temas mais melindrosos, etc.), a música, o jogo, o sexo. Por outro lado, essa acção exerce-se preponderantemente face a macronormas e a uma instituição, a família, hoje em dia mais enfraquecidas do que as macro-estruturas que exercem a sua influência, de uma maneira reforçada, na taberna perto da fábrica, ou seja, as relações de produção capitalistas. Trata-se, então, de um quotidiano de marginalidades de vária ordem. Também nesta manifestação do campo tabernal — compreendido como lugar de conflitos entre os agentes da tasca, em vista ao monopólio do capital social e simbólico circulante — actua, ao *nível mediador do social*, o habitus das classes populares ou do trabalhador, embora de uma forma diversa do que na primeira exemplificação. Com efeito, na família operária, por um lado, os *tempos livres* são raros, e a

sexualidade é condicionada pelo enquadramento necessário aos ritmos da produção económico-simbólica dominante, o que pode suscitar ou estabilizar a disposição de *procura de ritmos lúdicos e libidinais alternativos*, por exemplo na taberna. Por outro, não há nesse tipo de família um *património* importante a legar, e o que existe é emprego, muitas vezes, em consumos pontuais, de despesa gratuita, de celebração da liberdade própria de uma economia do dom ou de consumação, que a tasca permite.

Desvela-se, assim, uma diferença de "ambiente" entre os dois dia-a-dia anteriores, que sugere a construção de uma *tipologia enriquecida das quotidianidades tabernais*, baseada nestas diversas configurações representáveis num espaço de atributos em que se intersectam as variáveis seguintes: As macrodeterminantes, as características dos agentes em termos de disposições e as micropráticas básicas produzidas/reproduzidas na tasca. O primeiro dia-a-dia apresenta-se então como um *quotidiano de reprodução material* da força de trabalho e o segundo, um espaço-tempo que visa, muito mais, a *reprodução simbólica do corpo operário*.

Quanto ao outro conceito intercomunicante expresso, notemos, acima de tudo que, obviamente, o habitus diferencia-se dos hábitos quotidianos, devido ao facto de o primeiro pressupor uma dimensão mais activa por parte dos agentes, e não repetitiva, como os segundos. Nesta distanciação, entre outras, o próprio itinerário teórico de Bourdieu evidencia uma evolução no sentido da *relativização do conceito de habitus*. Com efeito, o autor esclarece-nos: "O habitus é um princípio de invenção (...). Podemos pensá-lo por analogia com um programa de computador (analogia perigosa, porque mecanicista), mas um programa auto-corrigível. É constituído por um conjunto sistemático de princípios simples e parcialmente substituíveis, a partir dos quais podem ser inventadas uma infinidade de soluções que não se deduzem directamente das suas condições de produção." (Bourdieu, 1980:135).

Deste modo, uma *terceira questão teórica é esta: poderemos falar de outros sistemas de disposições além do habitus de classe e do habitus individual, característicos da maioria dos agentes actuantes em cada tipo de dia-a-dia? Ou seja, habitus quotidianos que não se confundem com os hábitos quotidianos? Avançaremos, a este propósito, a hipótese que se segue, para o nosso objecto de estudo: nos espaços sociais distintos do mesmo campo tabernal, o habitus global dos operários da formação social portuguesa transfigura-se ou adapta-se em sistemas de classificação a que chamaremos habitus quoti-*

2.3.2. Os habitus quotidianos

dianos — *mais específicos, menos estáveis* — na medida em que as principais disposições visíveis em cada uma destas últimas manifestações do habitus acabam por ser, não tanto ou não só, algumas das disposições básicas delimitadoras da classe social respectiva — que se encontram naturalmente presentes, representando o habitus de classe, como a venda da força de trabalho ou o desapossamento cultural — mas outras disposições.

Nos exemplos referidos, estas disposições também predominantes — paralelamente às dos habitus de classe — são, recorde-se, respectivamente, quanto à microconjuntura do quotidiano de reprodução material, a tendência, pela *generalidade dos agentes* aí interactuantes e intervenientes, para o consumo reprodutivo da força de trabalho (através das micropráticas “beber”, “petiscar”, “refeição quente”, etc.), e, no que diz respeito ao quotidiano de reprodução simbólica, a transgressão lúdico-erótica ao espaço/tempo dominante (por meio das microtácticas “bebedeira”, “transgressão na linguagem”, “música”, “jogo”, “sexo”, etc). O resultado é um conjunto de disposições diferente do habitus de classe, embora dialogante com ele, ou seja, menos rígido, mais de acordo com a negociação quotidianamente necessária entre a macro-realidade e a micro-realidade.

Assim, os dois conceitos mediadores considerados, o quotidiano — intercalar porque articula fundamentalmente (mas não apenas) o que se passa nos vários espaços-tempo locais — e o habitus — intercedente devido ao facto de estabelecer, basicamente, o contacto das macrodeterminantes com as micro-determinantes —, trabalham numa segunda rede conceptual multipolar medianeira, conectando-se a uma das dicotomias propostas no início deste artigo, isto é, a produção/reprodução social (De Sandre, 1980; Deem, 1988), nas suas vertentes material e simbólica, o que ilustra uma outra sobredicotomização de 3.º grau (fig. 2).

2.3.3. Uma tipologia vertical: o macroquotidiano e o microquotidiano

Entretanto, os dois tipos de quotidianeidade ilustrados inserem-se num caso mais geral, o dia-a-dia da taberna, que se distingue, por sua vez e da mesma forma, dos quotidianos dos outros estabelecimentos de venda de bebidas a retalho (café, snack-bar, cervejaria, bar nocturno e turístico, etc.). Embora não seja este o lugar indicado para desenvolver a construção de uma *tipologia das casas de bebidas*, repare-se que, em qualquer um destes locais de comércio, a relação entre o nível estrutural global e a grelha das mini-acções tabernais se pode modificar, em termos de oscilações entre um e outro pólo, no sentido da

2.4. A dialéctica dos quotidianos

cem ou ofuscam, amiúde, as microtensões possíveis, enquanto a segunda se caracteriza por um espaço-tempo interior que se assemelha mais a um *microquotidiano*, na medida em que a minitrangressão lúdico-erótica parece esbater ou fazer olvidar as outras forças sociais em presença, especialmente as macrodeterminantes “família”, “fábrica”, “Estado”, “direito”, “moral”, etc. (v. fig. 2), embora seja óbvio que o não consegue por inteiro.

Dito isto, podemos avançar uma outra questão, naturalmente decorrente das constatações precedentes, e que pretende, de alguma maneira, contribuir para a superação das insuficiências que derivam das distinções analíticas ou das tipologias demasiado estanques: *em que termos se interpenetram as constantes dos vários tipos de quotidiano destacados atrás?*

Por exemplo, se considerarmos que um operário, em tempo de lazer, pode ir a uma tasca de substituição, encontraremos materializados, nessa deslocação espacial mas também inevitavelmente social, de uma forma mais ou menos explícita, nomeadamente três dinâmicas: a combinação ou a associação, por um lado, das duas macro-estruturas protagonistas anteriores entre si; por outro, um relacionamento mais directo entre os dois modelos diferentes de acção situacional definidos; ou, ainda, uma ligação entre as duas articulações “macro/micro” representadas por cada um dos dois tipos de quotidianos de taberna apontados. Daí que possamos falar de uma configuração global em que se visualiza agora, mais claramente, a simultaneidade das dimensões temporal e espacial, e dos sentidos horizontal e vertical, por meio da síntese das duas primeiras conexões parciais, que expressaremos na nossa *quinta hipótese teórica*: *existe, na tasca, uma dialéctica de múltiplos quotidianos, devido ao facto de que o(s) frequentador(es) exporta(m) consigo, de um para outro dia-a-dia tabernal, regularidades, disposições e práticas, recebidas e construídas em quotidianos diferentes, concorrentes ou opostos, que assim chocam entre si.*

Os dois tipos de quotidiano reportados mantêm uma relação dialéctica, e já não só pendular, porque representam a oposição entre duas realidades subjacentes de algum modo conflituosas, precisamente a reprodução material (o consumo dirigido à recomposição do corpo para o trabalho) e a reprodução simbólica (tendo mais em vista o lazer e a vida em geral) dos agentes sociais, que se resolvem numa terceira, a síntese desses quotidianos polares. As dinâmicas referentes aos quotidianos envolvidos não se apresentam directamente visíveis, mas são media-

das pelos vários tipos de habitus incorporados nos sujeitos negociadores circulantes e dinamizadores do território social da taberna. Ou seja, e em primeiro lugar, os habitus quotidianos em contraste intersectam os macroconflitos ou as microlutas manifestados pelos agentes sociais interventores e pelos actores sociais interactivos, em grande parte, como dissemos, em torno da posse dos diversos capitais sociais e simbólicos disponíveis. Assim, a tasca constitui-se, cada vez mais, como um campo social específico. Em segundo lugar, se existem, como acabámos de ver, vários tipos de quotidiano tabernal reactivados por inúmeros actores sociais em negociação conflitual, o conjunto de disposições dos agentes em presença não se confunde nem se esgota, por um lado, no habitus operário, e por outro, nos habitus quotidianos, que não passam de manifestações secantes dos habitus tabernais. Por exemplo, existe, mais claramente no caso da segunda taberna exemplificada, um *habitus* próprio *dos agentes marginais*, que possui disposições específicas, desde logo todo um conjunto de transgressões, despesas e profanações de várias macro e micro-ordens legítimas, características da formação social Portuguesa. De um modo geral, a extracção destes diferentes sistemas de disposições será realizada, mais concreta e exaustivamente, no campo de observação da realidade empírica, por meio da detecção da pluralidade dos grupos ou instâncias de referência (marginalidades de classe, lugares contraditórios de classe, grupos de homens, de amigos, de bebedores, de jogadores, grupos “formais” como os Grupos Excursionistas, prostitutas/proxenetas, classes de idade, etc.) existentes nos vários tipos de quotidiano tabernal, que também não se limitam às duas figuras descritas. Estes posicionamentos, alguns dos quais já foram introduzidos atrás, baseando-se em interesses distintos, orientam diferentes percepções, juízos, acções, comportamentos e gestos tabernais, possíveis e prováveis para o habitus particular de cada tipo de agente.

281

Como se passará então, de uma maneira mais explícita, esta negociação entre os diferentes quotidianos? Chegamos assim à nossa *última questão teórica*: *todos estes sistemas de disposições, respeitantes à multiplicidade dos agentes em circulação, e os inerentes aos vários quotidianos onde aqueles são produzidos/reproduzidos, além de relacionarem verticalmente o nível macro e o micro-sociológico, relativizam-se, do mesmo modo que para o habitus operário, em cada dia-a-dia tabernal exterior ao tipo de taberna de onde são originários?* Sexta hipótese: *os habitus de base, os mais estáveis (de classe, de*

2.4.1. Habitus de base e habitus de viagem

grupo ou individual), se transportados pelos actores sociais em diversos itinerários do seu dia-a-dia, desdobram-se em sistemas de disposições ainda mais particulares que os habitus quotidianos. Ou seja, estruturam-se em habitus que nomearemos de viagem, na medida em que se constroem a partir de fluxos, transições/transacções, percursos, trajectórias e itinerários sócio-espaciais, locais ou não, dos variados agentes, por entre os diferentes espaços-tempo sociais.

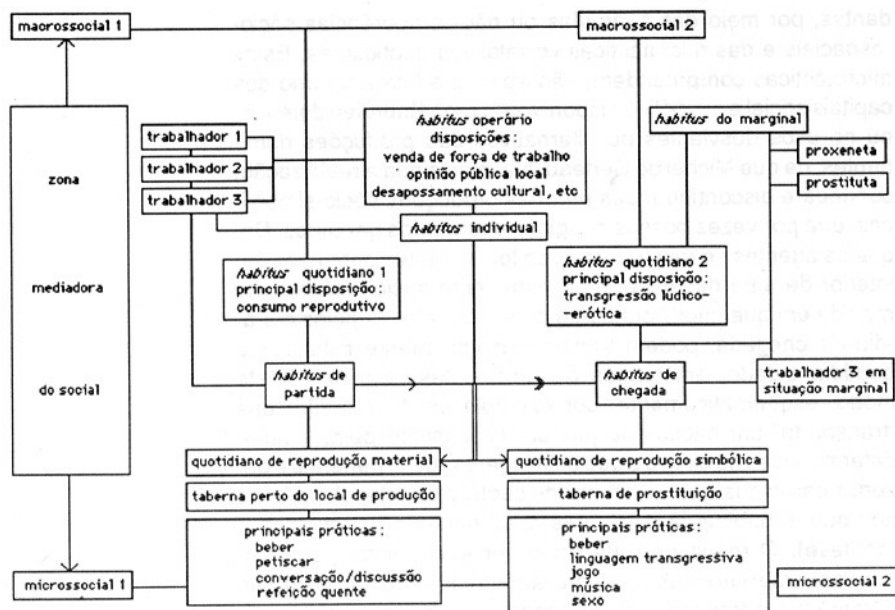
A *viagem* é, obviamente, outro conceito abrangente e mediador, porque não representa um conjunto de simples deslocações gratuitas e sem significado social, mas implica ou reflecte negociações dos agentes entre pelo menos dois tipos de dia-a-dia, através, antes de tudo, das suas presenças/ausências — no sentido de Giddens (1979:206-210) — dentro das redes de tensões actuantes em cada um desses quotidianos. Se os habitus quotidianos dizem respeito à maioria dos actores de cada dia-a-dia, os habitus de viagem podem referir-se somente a alguns dos agentes mediadores, embaixadores de uma dada classe social ou de certos grupos da taberna, ou ainda a agentes mais individualizados ou inclassificáveis.

O primeiro destes habitus de viagem é o *habitus de partida* (o incorporado no quotidiano inicial do trajecto de um ou vários actores sociais entre vários locais) e o seu inverso denomina-se *habitus de chegada* (o incorporado no quotidiano final desse percurso). Uma e outra figura representam uma totalidade complexa de disposições de várias ordens. Com efeito, englobam, em primeiro lugar, algumas das características mais estáveis dos actores sociais viajantes, como as comuns à sua classe e as disposições mais sedimentadas de entre as herdadas ou produzidas na sua história pessoal, ou seja, o habitus individual do actor. Paralelamente, reúnem outros aspectos de nível mais micro-sociológico, definidores de cada tipo de quotidiano activado. Finalmente, compõem-se também de outras disposições ainda mais circunstanciais ou aleatórias — algumas decorrentes das interacções registadas no decorrer do percurso, outras incorporadas ao acaso — que se cristalizam ao sabor dos itinerários desses actores pelos vários espaços das localidades sociais.

Este sistema de disposições múltiplas e de vários tipos nunca se apresenta rígido e imutável, mas constitui um "princípio de invenção constante", para retomar, reactualizando-os, os termos da citada rectificação do conceito de habitus operada por Bourdieu. De facto, estes agentes nómadas negociam constante e criativamente entre si e com os espaços sociais circun-

dantes, por meio das suas idas ou não-comparências sócio-espaciais e das microtácticas correlativas quotidianas. Estas microtácticas compreendem, não apenas a luta em torno dos capitais social e simbólico disponíveis, como Bourdieu defende, ou os usos desviantes ou alternativos das produções dominantes, de que Michel de Certeau fala, mas ainda a reutilização, contínua e descontínua, das próprias produções sócio-simbólicas, que por vezes possuem lógicas e territórios genuínos. Daí que os agentes se reestruem, ao longo destes percursos, no interior de uma dimensão manifestamente sócio-histórica, na medida em que, modificando-se ou sendo refeitos pelos dia-a-dia de chegada, podem transformar igualmente esta última quotidianidade, em termos de uma síntese original. Deste modo, esquematicamente, por exemplo um trabalhador que “transporta” um *habitus* de partida, circunscrito pelas macro-determinantes da classe a que esse agente social pertence e por certas características do *habitus* do quotidiano 1 (tese), opõe-se aos outros *habitus* já existentes e actuantes no quotidiano 2 (antítese). O resultado, que pode ser enriquecido por interacções, intervenções e micro-acontecimentos ocasionais durante a sua trajectória sócio-espacial, é um novo *habitus*, de chegada, desse actor mediador (síntese A), que, contemporaneamente a ter sido alterado pelo quotidiano 2, pode por sua vez reconstruí-lo (síntese B).

Em suma, é pela utilização do conceito interconector “*habitus*”, nas suas várias figuras, representativas de níveis mais ou menos macro-sociológicos (ou seja, estáveis) dentro da zona intermediária do social — os *habitus de base* (de classe, de grupo ou individual), os *habitus do quotidiano* (neste ensaio, os de reprodução material ou simbólica), ou os *habitus de viagem* (de partida e de chegada) — que o sociólogo se apercebe da relação dialéctica entre as vários tipos do segundo conceito interpolar “quotidiano” e se encontra em condições de elaborar uma terceira rede mediática (fig. 3). Assim, através do *medium* social taberna — ou de outro — e das respectivas redes conceptuais, poder-se-á assumir legitimamente, enquanto *cientista social mediador*, e talvez como um dos pilares mais convincentes da conjuntura herdeira da pós-modernidade. ■



LEGENDA

- | | | | |
|---|-------|---|-------|
| associação | A — B | relação dicotómica entre 2 pólos A e B | A ↔ B |
| itinerário de agente social entre dois locais | A → B | mediação dialéctica entre conceitos mediáticos principais | ≡ |

Figura 3 — Rede mediadora representando a interpenetração de 2 espaços sociais quotidianos (quotidiano de produção material e quotidiano de reprodução simbólica) por meio dos vários tipos de *habitus* (*habitus* de classe, *habitus* individual, *habitus* quotidiano e *habitus* de viagem) de um actor itinerante (trabalhador 3)

Referências Bibliográficas

- Andrade, Pedro de 1979 "A taberna", *Arte-Opinião*, n.º 3, 8-9.
- Andrade, Pedro de 1980 *Les groupes "Excursionistes"- "De Déjeuners" Portugais et leur Art*. Thèse de Diplôme d'Etudes Approfondis, Paris, École des Hautes Études en Sciences Sociales.
- Andrade, Pedro de 1985 *La taverne, son boire et leurs savoirs: ruses et muses mystico-profanes*. Thèse de 3ème cycle, Paris, École des Hautes Études en Sciences Sociales.
- Andrade, Pedro de 1986 "A Arte Excursionista", *Colóquio-Artes*, n.º 68, 5-11.
- Andrade, Pedro de 1988 "O beber e a Tasca: Práticas Tabernais em Corpo Vínico", *Povos e Culturas*, n.º 2, 223-263.
- Atkinson, Paul 1990 *The Ethnographic Imagination: Textual Construction of Reality*. London, Routledge.
- Bellasi, Pietro 1983 "L'Iconographie de la vie quotidienne: Lilliput et Brobdingnag", *Cahiers Internationaux de Sociologie*, 30 (74), 47-56.
- Bourdieu, Pierre 1979 *La Distinction: critique sociale du jugement*. Paris, Minuit.
- Bourdieu, Pierre 1980 *Questions de Sociologie*. Paris, Minuit.
- Brito, Joaquim Pais de; Costa, A. Firmino da; Oliveira, J. M. Paquete de 1989 "Au Portugal: villages et agents médiateurs de communication", in Bassard, Moecki, Jean-Marie M. (orgs.), *Villages: quels espoirs?*. Berne, UNESCO/Peter Lang, 201-231.
- Certeau, Michel de 1979 *Pratiques quotidiennes et manières de faire*. Paris, UGE.
- Cocks, Joan 1989 *The Oppositional Imagination: Feminism, Critique and Political Theory*. London, Routledge.
- Cohen, Anthony 1985 *Symbolic Construction of Community*. London, Routledge.
- Crespi, Franco 1983 "Le Risque du quotidien", *Cahiers Internationaux de Sociologie*, 30 (74), 39-45.
- De Sandre, Italo 1980 "Linee di analisi della divisione del lavoro per la riproduzione sociale quotidiana", *Sociologia e Ricerca Sociale*, n.º 1/2/3), 37-57.
- Deem, Rosemary 1988 *Work, Unemployment and Leisure*. London, Routledge.
- Détienne, M.; Vernant, J.-P. 1974 *Les ruses de l'intelligence: la mètis des Grecs*. Toulouse.
- Gama, António 1987 "Indústria e Produção de um Espaço Peri-urbano", *Revista Crítica de Ciências Sociais*, n.º 22, 33-54.
- Giddens, Anthony 1976 "Hermeneutics, Ethnometodology and Problems of Interpretative Analysis", in L. Coser e O. Larsen (orgs.), *The*

Uses of Controversy in Sociology. New York, Free Press, 315-341.

- Giddens, Anthony 1979 *Central Problems in Social Theory: Action, Structure and Contradiction in Social Analysis*. New York, Macmillan.
- Hespanha, Pedro 1987 "Posse da Terra e Reprodução da Força de Trabalho — O Caso do Baixo Mondego", *Revista Crítica de Ciências Sociais*, n.º 22, 145-159.
- Javeau, Claude 1983 "Les Symboles de la banalisation", *Cahiers Internationaux de Sociologie*, 30 (75), 343-353.
- Knorr-Cetina, K.; Cicourel, A. V. (orgs.) 1981 *Advances in Social Theory and Methodology: Towards an Integration of Micro- and Macro-Sociologies*. London, Routledge & Kegan Paul.
- Lefebvre, Henri 1968 *La vie quotidienne dans le monde moderne*. Paris, Gallimard.
- Luckmann, T. (org.) 1978 *Phenomenology and Society*. Harmondsworth, Penguin.
- Mackie, Fiona 1985 *The Status of Everyday Life: A Sociological Excavation of the Prevailing Framework of Perception*. London, Routledge.
- Monteiro, Paulo 1991 "Os Usos das Artes na Era da Diferenciação Social: Críticas e Alternativas a Pierre Bourdieu", *Revista de Comunicação e Linguagens*, n.º12/13, 117-141.
- Pais, José Machado 1986 "Paradigmas Sociológicos da Vida Quotidiana", *Análise Social*, n.º 90, 7-57.
- Reis, José 1990 "Os lugares e os Contextos", *Revista Crítica de Ciências Sociais*, n.º 30, 45-73.
- Rubington, E.; Weinberg, M. (orgs.) 1965 *Deviance: The Interactionist Perspective*. New York, Macmillan.
- Ruivo, Fernando 1990 "Local e Política em Portugal", *Revista Crítica de Ciências Sociais*, n.º 30, 45-73.
- Santos, Boaventura de S. 1987 *Um Discurso sobre as Ciências*. Porto, Afrontamento.
- Santos, Boaventura de S. 1989 *Introdução a uma Ciência Pós-Moderna*. Porto, Afrontamento.
- Santos, Boaventura de S. 1990 "O Estado e o Direito na Transição Pós-Moderna", *Revista Crítica de Ciências Sociais*, n.º 30, 45-73.